

FACULDADES INTEGRADAS FAFIBE

**CLESSIUS FARAGO
PATRÍCIA DA SILVA**

**UMA PRÁTICA DE ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA:
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE “LANGUAGE LEARNING X
LANGUAGE ACQUISITION”**

**BEBEDOURO - SP
2009**

**CLESSIUS FARAGO
PATRÍCIA DA SILVA**

**UMA PRÁTICA DE ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA:
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE “LANGUAGE LEARNING X
LANGUAGE ACQUISITION”**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia)
apresentado às Faculdades Integradas Fafibe
como requisito parcial para obtenção do grau de
licenciado em Letras (Inglês e suas respectivas
literaturas).

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo Guariglia

**BEBEDOURO - SP
2009**

Farago, Clessius. & Silva, Patrícia da.
Uma prática de ensino de língua estrangeira: um
estudo comparativo entre "language learning x language
acquisition" / Clessius Farago e Patrícia da Silva -
Bebedouro: Fafibe, 2009.
36 f. ; 29,7 cm

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em
Letras - Faculdades Integradas Fafibe, Bebedouro, 2009.
Bibliografia: f. 35-36

1. Aquisição natural da língua inglesa. 2. Aprendizado
formal da língua inglesa. 3. Meio escolar público. I.Título

**CLESSIUS FARAGO
PATRÍCIA DA SILVA**

**UMA PRÁTICA DE ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA:
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE “LANGUAGE LEARNING X
LANGUAGE ACQUISITION”**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado às Faculdades Integradas Fafibe como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Inglês e suas respectivas literaturas).

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo Guariglia

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

**Presidente e Orientador : Prof. Dr. Rinaldo Guariglia
Faculdades Integradas Fafibe – Bebedouro-SP**

**Membro Convidada: Profa. Nathalia B. de P. Ferreira
Faculdades Integradas Fafibe – Bebedouro-SP**

Bebedouro, _____ de _____ de 2009

Dedicatória de Clessius:

a minha mãe Maria e minha namorada Enila pelo carinho, apoio e paciência nos meus momentos difíceis e pela compreensão na minha ausência;

a meu pai (falecido) por todo seu ensinamento e educação transmitidos a mim de forma tão carinhosa e especial;

a todos meus colegas, com quem fiz muitas amizades verdadeiras e eternas.

Dedicatória de Patrícia:

a minha mãe Aparecida e ao meu pai José , pelo apoio e paciência, e persistência para que eu conseguisse minha graduação;

a minha irmã Valéria que muito me ajudou nos momentos em que eu mais precisei;

a todos meus colegas, com quem fiz muitas amizades.

AGRADECIMENTOS

a Deus, pela saúde e sabedoria para que nós pudéssemos alcançar nossos objetivos;

a nosso orientador Rinaldo Guariglia, pela dedicação a seu ofício, pela paciência e empenho na orientação e por tudo que nos ensinou;

a todos os professores, por nos proporcionar um crescimento intelectual e pessoal ao longo do curso e pela bela profissão que escolheram;

a todos os funcionários da faculdade, pela ajuda e apoio prestados.

"Acquisition requires meaningful interaction in the target language - natural communication - in which speakers are concerned not with the form of their utterances but with the messages they are conveying and understanding."

Stephen Krashen

"A aquisição exige interação significativa na língua-alvo – comunicação natural – na qual os falantes estão preocupados não com a forma de suas elocuições, mas com as mensagens que elas estão transmitindo e as compreendendo." (tradução – Clessius Farago)

RESUMO

Este trabalho procura fazer um estudo comparativo da abordagem de ensino-aprendizagem da língua inglesa; de um lado o estudo formal (language learning) e do outro a assimilação natural da língua (language acquisition), tendo como foco principal a interdependência dessas duas abordagens. Além disso, enfatizar que, ambas abordagens têm seu valor e utilidade, mesmo que distintas.

Além das distinções entre as abordagens o trabalho visará a investigar questões que envolvem o meio escolar público de ensino básico, principalmente ao que diz respeito ao ensino em geral de ensino de língua estrangeira. Além do mais, entender quais os pontos que são levados em consideração para a escolha de um idioma para a grade curricular.

Palavras Chave: Abordagem. Ensino. Aprendizagem. Interdependência. Língua Estrangeira.

ABSTRACT

This paper intends to make a comparative study between the approaches of teaching-learning of the English language; on one side a formal study (language learning) and on the other a natural assimilation of language, having as a main focus the interdependence of those two approaches and also emphasizing that both approaches have their value and utility, even though they are distinct.

Besides the comparison between them, the paper aims to investigate issues that involve the public school environment of basic teaching, mainly regarding the teaching of foreign language. More over, understand which points are taken into consideration in the choice of an idiom for the curricular grid.

Key words: Approach. Teaching. Learning. Interdependence. Foreign Language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 - Conceitos e Propriedades das abordagens: Language Learning x Language Acquisition.....	12
1.1 As outras teorias de Krashen.....	13
1.2 A possibilidade de implementação de "ambientes autênticos" e a questão da exposição à língua-alvo.....	16
1.3 A teoria de Krashen segundo outros linguístas.....	17
2 - Prática das abordagens.....	20
2.1 Finalidade do Ensino de Língua Estrangeira	20
2.2 Documentos Oficiais Nacionais	21
2.3 Língua Estrangeira x Senso Comum	25
2.4 Possibilidades para Avançar no caminho de Língua Estrangeira.....	27
2.5 Priorizar uma Boa Formação dos Professores	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

Este trabalho procura fazer um estudo comparativo da abordagem de ensino-aprendizagem da língua inglesa; de um lado o estudo formal (language learning) e do outro a assimilação natural da língua (language acquisition), tendo como foco principal a interdependência dessas duas abordagens. Além disso, enfatizar que, as abordagens têm seu valor e utilidade, mesmo que distintas.

Outras questões que serão trabalhadas são as que envolvem o meio escolar público de ensino básico, principalmente ao que diz respeito ao ensino em geral de ensino de língua estrangeira.

Percebemos nesse meio uma injusta cobrança em que professores de rede pública de língua estrangeira têm de preparar os alunos para o mercado de trabalho, proporcionando-lhes proficiência da língua, sem que tenham ferramentas, estrutura didática ou até mesmo qualificações para isso; tornando esse objetivo uma utopia.

Reconhecemos que o Brasil é um país que não possui uma segunda língua, como ocorre em alguns países, mas notamos que estamos inseridos num “mundo novo”, em que é muito importante ter acesso de várias maneiras a outro idioma, tanto para adquirir conhecimento linguístico, nível cultural, acesso às novas tecnologias da comunicação e informação, como também valorização da própria língua materna.

Acreditamos que duas abordagens apresentadas são inerentes quando se pensa em aprender um idioma e para obter proficiência na língua. Portanto, pretendemos nesse estudo abranger de um modo geral assuntos ligados à língua estrangeira.

Postulamos que a interdependência entre as duas abordagens não está explícita para os envolvidos, tanto para alguns professores como para os alunos. Acreditamos que a utopia encontra-se neste ponto da distinção, desmotivando e prejudicando ambos (alunos e professores) no processo de desenvolvimento do conhecimento crítico, reflexivo e significativo da disciplina.

Um projeto recente é a implementação da Proposta Curricular do Estado de São Paulo para Língua Estrangeira (LEM) Inglês 2008, distribuídos para os quatro bimestres, parece-nos um material muito pertinente para a valorização da disciplina na grade curricular. Percebemos nesses materiais de acordo com os conteúdos, uma concretização do que consta nos Parâmetros (PCNs) e Orientações Curriculares (OCNs), dentre outras teorias de autoria brasileira.

É relevante entender que o papel do professor é muito importante na vida dos aprendizes, desse modo, o que garantirá a evolução e aprimoramento para a disciplina não será somente a maneira como os profissionais da área atuarão, e sim rever todos os aspectos que permeiam esse “espaço escolar”; desde condições de aplicações, quantidade de horas trabalhadas, quantidade de alunos por salas, etc.

O estudo em geral constará de uma linha de pesquisa a ser desenvolvida na área da Linguística Aplicada e teorias ligadas ao âmbito escolar nacional. Na área de “Linguística Aplicada no Ensino de Língua Estrangeira” um dos principais pesquisadores dessa área é o norte americano Stephen Krashen, em que será embasado grande parte de nosso estudo, e alguns outros nomes da LA. Já para o âmbito escolar tomaremos como base os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries), Orientações Curriculares para o Ensino Médio, Proposta Curricular para LEM (2008) dentre outras teorias que se apóiam no ensino-aprendizagem de língua estrangeira.

Na primeira parte do trabalho, apresentaremos as distinções e interrelações das abordagens, a visão de alguns outros linguístas e as possibilidades dessa abordagem na prática. Na segunda parte, pressupomos esclarecer as práticas das abordagens da parte 1, enfatizando alguns pontos ligados ao ensino-aprendizagem nas escolas públicas. Dentre eles, pretendemos apontar algumas causas que diminuem a importância do aprendizado de uma língua estrangeira.

1 - Conceitos e Propriedades das abordagens: Language Learning x Language Acquisition

As crianças adquirem sua língua materna por meio de interação com seus pais e com o meio onde vivem. O que “abre caminho” para aquisição de língua é a necessidade de comunicação. Existe uma capacidade inata em cada indivíduo de se adquirir uma língua. Por exemplo, uma criança até aos 5 anos de vida, ela já pode se expressar perfeitamente do ponto de vista da língua e da gramática, transmitindo suas idéias e vontades claramente, mostrando um total comando das regras e padrões intrincados, que deixaria qualquer adulto louco se tentasse decorá-las e usá-las de modo preciso. Tudo acontece sem que essa criança tenha obtido nenhuma explicação do funcionamento da língua. Isso prova que através de exposição à língua e comunicação significativa é que se adquire a primeira língua, sem qualquer necessidade de estudos sistemáticos. Termo usado pelos linguístas (um dos pioneiros é o norte americano Stephen Krashen) de “language acquisition”.

Quanto à aquisição de uma *segunda* língua em crianças, percebe-se que é quase idêntico ao processo de adquirir a *primeira*. A criança precisa de uma fonte de comunicação natural, enfatizando a comunicação e não a forma, por meio de abordagens práticas, assim como faziam com a língua-mãe. Quando isso é trazido para os adultos, a comunicação é deixada para segundo plano, sendo negligenciada ou até ignorada. A abordagem é exclusivamente gramatical, formal, com repetições de exercícios, memorização mecânica, sem mesmo um interlocutor humano para interagir. Segundo os linguístas, isso é chamado “language learning”. Ela não está ligada à parte comunicativa da língua, e sim na parte mais estrutural e escrita. É o resultado da instrução direta nas regras da língua, adquirindo um conhecimento consciente da nova língua e podendo falar “sobre” esse conhecimento.

Embora pesquisas mostrem que saber regras gramaticais não resulte em boa fala ou escuta, enfatizamos neste trabalho que ambas as abordagens têm seu valor e sua utilidade, mesmo que um tanto distintas.

Alguns linguístas não vêem o “language learning” com bons olhos, priorizando o “acquisition” em detrimento do “learning”. Porém, há de se entender que, em um país onde não se fala a língua-alvo (aquela a ser aprendida) torna-se um pouco difícil a aplicação apenas da aquisição natural. Uma vez que, seria necessário muito tempo de exposição a ambientes de situações reais de convívio e também devido à falta ou carência desses ambientes, já que em nosso país o idioma oficial é o português. Pode-se “ganhar tempo” pedindo aos alunos, que se preparam para uma prova de vestibular, que memorizem algumas regras, vocabulários, verbos ou ensinar-lhes em algumas aulas a função de um auxiliar (quando usar, porque usar e em que tempo usar), ao passo que, para que ele assimile, de forma natural, que tal auxiliar desempenha tal função, poderia levar um tempo muito maior.

Por outro lado, seria inútil passar horas de instrução, dentro de uma sala de aula, ensinando um aluno que se prepara para o mercado de trabalho, a função teórica de um auxiliar ou de determinado tempo verbal, sem que haja uma comunicação significativa para que esses tópicos sejam “internalizados” pelo aprendiz. Cada situação requer uma abordagem diferente. A primeira abordagem (learning) está mais voltada para as habilidades linguísticas da escrita e da leitura, a segunda, (acquisition) está para as habilidades linguísticas da fala e da escuta.

Portanto, é importante que o aluno aprenda sobre a língua, mas é fundamental que ele entenda a língua na sua essência, fazendo uso dela na sua totalidade, não apenas para entender o que está escrito em algum “outdoor” ou para ter um bom desempenho em uma prova, e sim para uma interação humana e cultural, explorando o aspecto pragmático da língua. Talvez essa seja a razão, pela qual grande parte dos linguístas defendem a prioridade do “acquisition” em face do “learning”, porém sem negligenciar deste.

1.1 As teorias de Krashen

As cinco teorias de Krashen que são relevantes ao processo de “assimilação e aprendizagem” de língua são:

1.1.2 A teoria de aquisição-aprendizagem (The acquisition-learning hypothesis)

Há duas maneiras independentes de desenvolver a habilidade na segunda língua. “Aquisição” é um processo subconsciente idêntico em todas as maneiras importantes ao processo que as crianças utilizam em adquirir sua primeira língua, enquanto “aprendizagem” é um processo consciente que resulta em saber sobre a língua. (1985:1)

1.1.3 A teoria da ordem natural (The natural order hypothesis)

A teoria da ordem natural afirma que “a aquisição de estruturas gramaticais procede em uma ordem previsível”. Para uma dada língua, algumas estruturas gramaticais tendem a serem adquiridas cedo, e outras tarde, independente da primeira língua do falante. Entretanto, isso não significa que a gramática deveria ser ensinada nessa ordem natural de aquisição. (1985: 1)

1.1.4 A teoria de monitoramento (The monitor hypothesis)

A língua que se adquiriu subconscientemente “inicia nossa expressão vocal em uma segunda língua e é responsável pela nossa fluência”, enquanto que a língua que aprendemos conscientemente age como um editor, em situações em que o aprendiz tem tempo suficiente para editar, isto é, ele focaliza a forma e conhece as regras tal qual em uma avaliação gramatical ou quando cuidadosamente se escreve uma redação. Este editor consciente chama-se “Monitoramento”.

Indivíduos diferentes usam seus monitoramentos de maneiras diferentes, com graus diferentes de sucesso. Alguns monitoramentos (Over-users) se preocupam tanto com a correção que não conseguem falar com uma fluência real, outros (Under-users), ou não aprenderam conscientemente ou escolhem não usar seu conhecimento consciente da língua. Embora a correção de erros pelos outros tenha pouca influência neles, eles geralmente podem se corrigir baseados em uma “sensação” para correção.

Os professores deveriam objetivar o uso do monitoramento quando apropriado ou quando não interferir na comunicação. Os aprendizes não usam seu conhecimento de gramática consciente na conversa normal, mas usarão na escrita e no discurso planejado. Portanto, os usuários do 'monitoramento ótimo' podem usar suas competências aprendidas como suplemento para sua competência adquirida.

1.1.5 A teoria do insumo (The input hypothesis)

Esta teoria responde a pergunta de como um "assimilador natural da língua" desenvolve a competência com o tempo. Se ele está em um "nível i" deve receber insumo compreensível de "nível i+1", ou seja, assimila-se apenas quando entende a língua que contenha estrutura "um pouco além" de onde está no momento. Este entendimento é possível devido ao uso do contexto da língua que se está ouvindo ou lendo e ao conhecimento de mundo. Contudo, ao invés de visar a receber insumo ou estrutura gramatical que esteja exatamente no "nível i+1", deveria-se focar na comunicação que seja compreensível, desse modo, estará de fato recebendo e conseqüentemente assimilando o "i+1".

"A habilidade de produção emerge. Não é ensinada diretamente." Para que essa teoria dê resultado, deveria dar aos alunos de língua um "período de silêncio" inicial para construir a competência assimilada em uma língua antes que comecem a produzi-la. Sempre que um aprendiz tenta produzir a língua além do que ele assimilou, eles tendem a usar regras que já adquiriram de sua primeira língua, permitindo-os a comunicar, mas não a progredir na segunda língua.

1.1.6 A teoria do filtro afetivo (The affective filter hypothesis)

Krashen afirma que aprendizes com alta motivação, auto-confiança, uma boa auto-imagem e um baixo nível de ansiedade estão melhores "equipados" para o sucesso na aquisição da segunda língua. Essa combinação pode aumentar o filtro afetivo e formar um bloqueio mental que impede a assimilação da língua. Por outro lado, o afetivo positivo é necessário, mas não o suficiente por si só, para que a aquisição aconteça.

1.2 A possibilidade de implementação de “ambientes autênticos” e a questão da exposição à língua-alvo.

A implementação de um programa de “language acquisition” em escolas públicas viria ao encontro daquilo que preconiza os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para línguas estrangeiras. Embora, “o mundo” já esteja lentamente se transformando em uma comunidade global, em um ambiente de convívio multicultural e nosso contato com culturas estrangeiras, seja diretamente no ambiente de trabalho ou através de TV a cabo ou da Internet, ou ainda indiretamente ao convivermos com outros já integrados, seja cada vez maior, ainda há dificuldade para as escolas “adotarem” um programa de “centro de convívio multicultural” por questões políticas, econômicas e sociais.

Para isso, seria necessário seguir alguns passos como: estabelecer um programa de intercâmbio cultural com uma ou mais escolas do exterior; acolher professores e alunos estrangeiros na escola, que ficariam hospedados em casas de famílias e a quem seriam oferecidos um programa de língua e cultura com atividades coordenadas por um departamento competente; abrir aos alunos do ensino fundamental a participação nos centros de convívio; colocar na coordenação deste departamento pessoas com competência na língua e na cultura estrangeira que se pretende ensinar e na linguística aplicada ao ensino da língua materna; reformular substancialmente cursos de letras para dar sustentação e continuidade a este novo enfoque no ensino de línguas.

A outra questão preponderante no processo de aquisição de língua são as horas de exposição à língua-alvo (L2). Se compararmos a carga horária de língua inglesa de um aluno regular que tenha duas aulas semanais, no final de um ano (09 meses) ele terá tido cerca de 70 horas de instrução em sala de aula, enquanto um vivente de um país falante da língua, em um mesmo período, terá tido cerca de 4.000 horas de contato natural com a língua.

O fato é que para que haja uma boa assimilação, seria necessário muito mais que 70 horas anuais, já que esse é um processo que exige muito dinamismo, praticidade e vivência da língua, em um convívio autêntico, ou pelo menos, muito próximo disso, em que possibilite a aquisição de forma empírica, principalmente se a língua em questão for a inglesa, pois a relação grafia e

pronúncia é muito pequena e irregular, proporcionando dificuldade na escrita e leitura.

1.3 A teoria de Krashen segundo outros linguístas

A visão de alguns outros nomes dentro da Linguística Aplicada que corroboram com a teoria de “acquisition x learning” de Krashen. Vejamos alguns deles:

Vygotski – A teoria de Krashen pode ter sido influenciada por este sócio-linguista. Embora, este tenha usado o termo “apropriação de conhecimento” e o outro “acquisition”, eles tiveram a interação humana como pressuposto comum. Com a teoria de Vygotski, ele explica o desenvolvimento da fala e do cognitivo com metodologias menos planejadas e mais naturais e humanas, com bases na experiência prática em ambientes multiculturais de convívio.

Chomsky – A linguística e a psicologia cognitiva são as duas maiores sustentações das metodologias de ensino-aprendizado de línguas estrangeiras. Chomsky afirma que língua não é um conjunto estruturas adquiridas através do hábito e sim uma habilidade criativa e não memorizada. A competência lingüística, segundo ele, é resultado de como a mente humana processa experiências de vida através da língua, dando como padrão de competência o desempenho de um representante nativo da língua e da cultura, por qual se pode determinar o que é usual ou não usual, aceitável ou inaceitável.

Almeida Filho – Outro nome bastante importante na área da linguística aplicada está o brasileiro Almeida Filho. Alguns excertos foram extraídos de seu trabalho, junto com Rita C. Barbirato, intitulado de “Trabalhos de Linguística Aplicada”, que está relacionado com a teoria de Krashen, mencionando-o em muitas passagens:

Vários autores têm argumentado que a aprendizagem (num sentido geral) por meio da comunicação e atenção ao significado apresenta qualidades que o ensino formal não possui (dentre eles são expoentes, Prabhu, 1987, e Krashen, 1982). Acredita-se que as atividades comunicativas incentivam a aprendizagem subconsciente da L2 (a aquisição, portanto, nos termos de Krashen). Desde que,

nos atos de comunicação, a atenção do aluno esteja principalmente no significado da mensagem e não do código, a aprendizagem que ocorrer durante tal uso lingüístico deve ser amplamente subconsciente. Mesmo se não adotarmos a versão “forte” de aquisição de linguagem de Krashen (1982), segundo a qual a aprendizagem não se torna jamais aquisição subconsciente, poderá conceder que deve haver oportunidades para assimilação subconsciente, e estas oportunidades não podem ser criadas se a exposição à língua-alvo for rigidamente controlada e limitada ao que pode ser manipulado pelo professor no nível consciente. (ALMEIDA FILHO, JCP & BARBIRATO, Rita C., vol. 36: Jul. /Dez. 2000)

Em outro momento do trabalho, ele comenta sobre o uso de uma nova língua e da criação de “ambientes autênticos” para assimilação da língua. Neste último aspecto, ele se opõe ao pensamento de Krashen:

“...Para adquirir a capacidade de uso de uma nova língua os alunos precisam de bastante insumo de qualidade na língua-alvo (Krashen, 1982) trazido ou criado em atividades das aulas dentro e fora das salas de aula. Acredita-se que para aprender uma nova língua é necessário contato, experiência com e na LE e isso é estabelecido por meio de insumo que os alunos se esforçam para compreender (Prabhu, 1987) e que é gerado no próprio contato em sala de aula. Para a escola tem sido tradicionalmente reservado o papel de ensinar com o propósito de fazer o aluno aprender conscientemente a língua-alvo, na crença de que aquisição não seja mais possível para as condições de uma LE. Entretanto, veremos nos resultados da análise empreendida nesta pesquisa que a sala de aula pode também contar com a criação de “ambientes”, entre aspas para designar o sentido figurado com que é tomado, como se fossem bolhas de imersão e de uso da língua-alvo, e dentro dessas bolhas os alunos entrassem e realizassem ações, criando e se envolvendo com a nova língua, sem empreender muita análise consciente do sistema. Note-se que esta posição que assumimos difere daquela de Prabhu e Krashen que não vêm lugar teórico relevante para sistematizações da língua-alvo. Desse modo, o conceito de tarefa neste trabalho é o de tarefa como ambiente para ações propositadas que servirão para a aquisição de uma LE, na qual os alunos podem produzir a língua-alvo de modo mais significativo, desenvolvendo uma competência linguístico-comunicativa na e com língua-alvo. (ALMEIDA FILHO, JCP & BARBIRATO, Rita C., vol. 36: Jul. /Dez. 2000)

E finalmente, ele diz da capacidade da “fluência” dentro de uma nova língua (L2).

Quanto à produção oral, Krashen (1982) pondera que no início há um período de silêncio: o aluno só irá expressar-se quando estiver pronto. E ele estará pronto quando for exposto a insumos compreensíveis e interessantes, em situações de baixa ansiedade. A aquisição se manifesta inconscientemente e naturalmente, o contrário do que ocorre com a aprendizagem que é consciente e formal. A

aprendizagem tem a função de monitorar, mas só usamos regras conscientemente quando dispomos de tempo para focalizar a forma e quando a conhecemos (a ponto de cita-la). Assim, só haverá fluência na L2 se o monitor não for superusado (excesso de monitoração consciente), podendo, inclusive, este uso excessivo causar insegurança a ser deflagrado pelo mesmo sentido de insegurança experienciado pelo aprendente. Para o autor, a fluência não se ensina, ela emerge com o tempo. A correção virá paulatinamente, à medida que o aprendiz for sendo exposto a mais insumos compreensíveis, passando a produzir insumos também. Se os insumos forem baseados em situações reais, elas se repetirão, e o aluno terá outras oportunidades de contata-los se na primeira. (ALMEIDA FILHO, JCP & BARBIRATO, Rita C., vol. 36: Jul. /Dez. 2000)

Como pode-se observar neste trecho, Almeida Filho menciona a teoria do “monitoramento” de Krashen para dizer da capacidade da “fluência” dentro de uma nova língua (L2).

2 - Práticas das Abordagens

A parte 2 do trabalho pressupõe esclarecer as práticas das abordagens contidas na parte 1, enfatizando alguns pontos ligados ao ensino-aprendizagem nas escolas públicas. Dentre eles, pretendemos apontar algumas causas que diminuem a importância do aprendizado de uma língua estrangeira.

2.1 Finalidade do Ensino de Língua Estrangeira

Acreditamos que todo aprendizado leva o ser humano ao seu primor intelectual, tornando-o participante de uma sociedade como cidadão. Desta maneira toda e qualquer experiência adquirida durante a passagem pelo ensino básico, nas escolas públicas ou particulares, permite deixar marcas de alguma forma ou em alguma instância naquele que a pratica.

A grade curricular é direcionada a desenvolver habilidades necessárias, para que o indivíduo possa garantir um papel que lhe toca no mundo contemporâneo. Uns tornam-se médicos, outros advogados, psicólogos, professores, funcionários públicos, alguns pensam que não são nada, e assim abrem-se janelas variadas diante daqueles que tem por excelência as mesmas possibilidades para exercerem a cidadania.

O que defendemos é que a busca do ensinar e aprender deve estar livre de quaisquer preconceitos e estereótipos, pois somente assim poderemos chegar a tantos *espaços* que *desejamos*.

Segundo Almeida Filho (2005, p.7) Sempre que há o ensinado/ não necessariamente haverá o aprendido./ Quando aparecer o aprendido,/ ele não forçosamente será o produto do ensinado.

E segundo o mesmo autor (2005, p.9), destaca na apresentação de sua obra a importância de conhecermos outros idiomas, pois encontramos em um

momento no qual as relações entre línguas e culturas não tenha sido forte e generalizado como atualmente.

O autor destaca ainda que o contato com a língua estrangeira é essencialmente ligada pelos aspectos “educacional-cultural-comunicacional” dessa forma, tende preparar a formação do aprendiz para o contato com outras culturas estrangeiras na medida em que se faz necessário:

Por isso mesmo se nos sugere o ensino da língua estrangeira também como veículo de partes dos conteúdos concretos das outras disciplinas. Nisso se garante sua integridade comunicativa e se intensifica aos olhos dos alunos pais e autoridades que a língua estrangeira é formativa exatamente como é o estudo da língua materna. (ALMEIDA FILHO, 2005, p.41)

Sugere nesse ponto a disciplina como mediadora de conteúdos concretos das outras disciplinas.

2.2 Documentos Oficiais Nacionais

Almeida Filho (2005) coloca que desde 1996 com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para as disciplinas, a língua estrangeira ganhou espaço como obrigatório nos quatro anos finais do ensino fundamental e nos três anos do ensino médio.

Acreditamos que esses documentos marcam de maneira expressiva um progresso na educação brasileira, principalmente para a disciplina língua estrangeira. Mesmo que a longo prazo, compreendemos que cada vez mais será intensa a busca por um segundo idioma, principalmente o inglês. As tecnologias ligadas à área de comunicação, do conhecimento e cultural caracterizadas como “em massa”, permitem perceber este fenômeno. Alguns exemplos visíveis da presença do inglês articulando as quatro habilidades lingüísticas (fala, escuta, escrita e leitura) são: comunicação via internet (MSN, Orkut, compras e vendas, transações bancárias, cartões de crédito, etc); materiais usados dia-a-dia como brinquedos ou eletrodomésticos (Playstation, celular, aparelhos de som, TV, etc); turismo, negócios e conhecimento (viagens

para outros países, encontros para negociações internacionais, literaturas, estudos científicos, tecnologias da telecomunicação, etc).

Os PCNs (1998) apontam uma necessidade de formar cidadãos autônomos e críticos, capazes de interagir socialmente. Nessa linha de pensamento pretende-se incentivar a prática docente consciente na formação de um indivíduo letrado capaz de entender o próprio processo de aprender. Além disso, cabe respeitar a singularidade de cada aprendiz, proporcionando a ele instrumentos necessários para chegarem à autonomia.

De acordo com os PCNs (1998) o espaço físico escolar é outro detalhe importante a ser trabalhado, pois deve constar de mecanismos como os didáticos e tecnológicos, proporcionando assim uma situação de aprendizagem autêntica. Contando com uma participação ativa e democrática da comunidade e pais em todas as possibilidades do sistema educativo.

Quanto à da língua estrangeira os PCNs (1998) destacam a importância da aprendizagem, que pressupõe aumentar a percepção do aprendiz para exercer sua cidadania, tanto no seu aspecto discursivo, como também no conhecimento cultural e social. Além disso, garante trabalhar com a língua estrangeira os temas transversais, que levam o aluno a entender o ser humano e sua existência, e também podendo atingir o pluralismo linguístico.

Nas OCNs (2006) (Orientações Curriculares para o Ensino Médio) nos deparamos que capacitar o aprendiz de maneira prática e atual, é colocá-lo à frente de experiências que possam contribuir para construção de seu aprendizado de modo significativo.

Aqui vale lembrar mais uma vez que um dos importantes aspectos da contribuição educacional do ensino de Línguas Estrangeiras está em capacitar o aprendiz a vivenciar e a lidar com áreas da experiência humana nas quais atuam dinâmicas semelhantes entre uma sistematicidade e uma mutabilidade social e historicamente determinada. (VAN EK; TRIM, 1984. Vide Parte I, apud. Orientações Curriculares, 2006, p.111)

Ainda nas OCNs (2006, p.112) é destacado que priorizar a leitura como letramento é outro aspecto importante no ensino em geral e no ensino de língua estrangeira, pois pesquisas de nível mundial colocam em evidência a inquietação da maneira como a juventude lê, se lê “pior ou melhor”, de acordo com a presença das novas tecnologias da comunicação e da informação

presentes no seu cotidiano. Desse modo, aponta a necessidade de do ensino-aprendizagem estar embasado no campo do letramento e multiletramento, ou seja, a necessidade de conduzir o aprendiz para a prática de leitura de diversos gêneros textuais, hipertextos e páginas web multimodais. A partir daí, colaborando para construir conhecimento em uma concepção epistemológica contemporânea.

A epistemologia surge em Platão, a qual se coloca se contra a *opinião* e a *crença*. Estuda a estrutura, os métodos e a validade do conhecimento, podendo ser designada por filosofia do conhecimento, ou ainda, relacionar-se com a metafísica, com aquilo que tem lógica e o empírico, avaliando a consistência lógica da teoria e sua coesão fatural.

A grande quantidade de imagens que hoje aparecem nas diferentes práticas de escrita digital colocou a linguagem visual em evidência. Textos que apresentam duas ou mais modalidades semióticas em sua composição tomaram o lugar das tradicionais práticas da escrita, provocando efeito nos formatos e nas características desses textos, resultando no que foi denominado multiletramento ou multimodalidades. Segundo Cope e Kalantzis (2001) percusores, dentre outros, deste grupo – o termo multiletramento enfatiza duas mudanças importantes e correlacionadas.[...] A primeira é o crescimento da importância à diversidade linguística e cultural; isto é, em um mundo globalizado, precisamos negociar diferenças todos os dias. A segunda é a influência da linguagem das novas tecnologias. O significado emerge de modos variados (multimodais) – escrita, imagens, movimento, áudio, o que requer um conceito de letramento novo e multimodal, principalmente no letramento visual, em que a importância social da imagem tem aumentado de forma considerável. (Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/simposio2008/anais/Giselda-Costa.pdf>> Acesso em: 18 nov. 2009).

Um detalhe importante é de como são vinculadas as informações aos alunos das diferentes focalizações, em que se faz em uma escola de idioma e uma disciplina na grade escolar do ensino básico. Muitas vezes acontece dos alunos não terem acesso a essas informações que parecem ser inerentes a eles, não ficando explícito para eles, e acabam considerando à disciplina estrangeira aspectos negativos.

Quanto às memórias recentes, há um lamento de que os alunos de escola pública não sabem a importância na vida deles e menção aos sentimentos negativos que a disciplina e, por consequência, o

professor despertam nos aprendizes. (PAIVA, 2005, p.9 apud OCNs, 2006, p. 90)

Consta nas OCNs (2006) que as grades curriculares educacionais tornaram-se meios para circular as necessidades atuais da sociedade. E no que se refere às competências a serem desenvolvidas no ensino de LEM (Língua Estrangeira Moderna) no ensino médio, focaliza a leitura, a escrita e a comunicação oral contextualizada.

Entendemos que os avanços na área da educação estão caminhando continuamente, mas pode-se notar que a abrangência em âmbito nacional não corresponde a resultados imediatos. Percebe-se que as adaptações levam tempo para fluírem, pois notamos impactos com a implantação da Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008) para todas as disciplinas juntamente com os Cadernos Alunos/Professores. Elas causaram um desconforto para alguns professores, principalmente para aqueles que já atuam a algum tempo na rede pública de ensino.

A Nova Proposta Curricular (2008) tem como objetivo contextualizar um histórico de estudos ligados a melhoramentos na educação, propor atividades para aprimorar o aprendizado dos aprendizes e atuação dos profissionais da rede, além de propor atender às necessidades de organização do ensino em todo o estado. A LDB 9394/96 contribuiu para o progresso quando deu autonomia as Unidades Escolares criarem seus projetos pedagógicos.

A Proposta Curricular para Língua Estrangeira Moderna (2008) busca atender as necessidades e habilidades comuns e funcionar como uma rede, em que todos os integrantes possam interagir na cultura, na sociedade e no mundo contemporâneo de forma eficaz. As habilidades linguísticas destacadas são as da leitura e escrita, deste modo priorizam a abordagem “language learning”.

A Proposta também aponta o fato do avanço tecnológico, em que a exclusão aborda na contemporaneidade outro tipo de natureza, ligada à área da tecnologia de comunicação que atualmente permitem ao acesso cultural e do conhecimento.

“[...] Na sociedade de hoje, são indesejáveis tanto a exclusão pela falta de acesso a bens materiais quanto à exclusão pela falta de acesso ao conhecimento e aos bens culturais.” (Proposta Curricular - LEM, 2008, p.9)

Percebemos progressos lentos, mas que são capazes de superar barreiras que muitas vezes parecem impossíveis de se reverter, apresentando dessa maneira o sucesso de âmbito nacional. Isso poderá ocorrer caso houver a colaboração de todos os envolvidos, desde alunos, pais, professores, gestores, etc.

2.3 Língua Estrangeira X Senso Comum

Notamos que a disciplina Língua Estrangeira Moderna (LEM) ainda carrega uma resistência perante aos alunos da educação básica. Isso pode ter acontecido desde décadas atrás, por vários motivos e que ainda permanecem no âmbito escolar.

Uma delas de acordo com Almeida Filho (2005) foi a redução de quatro para dois anos o ensino obrigatório de língua estrangeira nos dois últimos anos do Ensino Fundamental (a redução nunca foi efetuada, continuou para os quatro anos finais do E.F.), medida tomada como lei pela resolução SE de 07/01/85. Mesmo que de “opcional” para passou a ser “obrigatória” a medida tomada causou danos para a disciplina como “descaracterizadora”.

O que o mesmo autor aponta é que essa “diminuição” com a disciplina no passado contribui até os dias de hoje, como consequências de carga negativa. [...] “Uma dessas consequências até hoje sentida foi à diminuição da respeitabilidade e prestígio da disciplina de língua estrangeira perante aos olhos dos alunos, pais e sociedade em geral. [...]” (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 36)

Outro motivo que pode ser considerado pertinente quanto à resistência de aprender ou permitir que circule igual às outras disciplinas, é o preconceito linguístico.

Isso pode ser constatado de acordo Marcos Bagno (1999) em sua obra “Preconceito Linguístico: o que é como se faz”. A primeira parte da obra é

permeada por “oito mitos” denominados como “A Mitologia do Preconceito Linguístico”.

O autor declara estarmos rodeados de diversas formas de preconceitos, e que os quais não possuem nenhuma fundamentação teórica, portanto, eles são resultados da falta de comunicação intelectual, do alcance ao conhecimento, ou mesmo ser manipulado por ideologias.

Bagno (1999) coloca que os meios de comunicação são veículos bastante estimuladores do preconceito linguístico, e até mesmo a gramática normativa e os livros didáticos. A própria língua falada no Brasil é parte desse preconceito, que tem por característica o lado negativo. Um exemplo disso pode ser encontrado nesse mito nº2 “Brasileiro não sabe falar português/ Só em Portugal se fala bem português”.

O mito de que “brasileiro não sabe falar português” também afeta o ensino de línguas estrangeiras. É muito comum verificar entre professores de inglês, francês ou espanhol um grande desânimo diante das dificuldades de ensinar o idioma estrangeiro. E é mais comum ainda ouvi-los dizer: “Os alunos já não sabem português, imagine se vão conseguir aprender outra língua”, fazendo a velha confusão entre língua e gramática normativa. (BAGNO, 1999, p.29-30)

A afirmação que o mesmo autor coloca é que brasileiro sabe falar português, e o que ele esclarece é que o português falado pelos brasileiros é diferente do português falado em Portugal.

Segundo o mesmo autor, o mais intenso de todos os mitos é o nº 1 “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”, pois esse mito pode prejudicar a educação se não ser reconhecida a existência de uma surpreendente variedade linguística do português falado no Brasil. De acordo com ele, embora grande parte dos brasileiros falam português, encontramos nesse mesmo idioma um elevado grau de “diversidade e variabilidade”.

Podemos encontrar as variações linguísticas em diversos graus, desde: sexo (masculino x feminino), faixa etária (velhos x jovens), grupos (religiosos x funk), regionais (moradores da cidade de Bebedouro/SP x moradores da cidade de Taquaritinga/SP), estaduais (gaúcho x mineiro), etc.

O destaque em sala de aula para esta variação linguística, que existe em qualquer idioma, é importante para que alguns conceitos sejam mudados em relação a outros idiomas e até mesmo do aprendizado das diversas formas que circulam a própria da língua materna. Por isso acreditamos que esta pequena frase encontrada na capa final da obra de Bagno (1999) nos revela algo “amplo”: “Eu gostaria que alguém tivesse escrito um livro como este sobre a língua inglesa”. (Prof. Gragory Guy, Universidade de York (Canadá)).

2.4 Possibilidades para Avançar no caminho profissional de Língua Estrangeira.

De acordo com Almeida Filho 2005: há várias possibilidades de progressão na direção profissional da área de língua estrangeira. Além disso, ele debate graus ao qual se instaura um idioma na disciplina de língua estrangeira, nas entidades públicas e privadas de educação básica. “Porque elegemos uma e não centenas de outras línguas?” (ALMEIDA FILHO, 2005, p.43)

Segundo o mesmo autor o termo “plurilinguismo” utilizado como experiência educacional, propõe a diversas ofertas de línguas nas escolas, podendo neste caso obter o poder de escolha de um idioma ou outro, como disciplina escolar.

Com relação a essa questão, é conveniente reafirmar que tanto a Apliesp (Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado de São Paulo) como, de resto, toda a comunidade de ensino e pesquisa a área de ensino de línguas não têm expressado nos últimos anos nenhuma defesa de “monolingüismo”, nem da predominância ou “monopólio” de LE dentro do sistema escolar. Essa postura seria lamentável e antidemocrática, se houvesse quem a defendesse. Constituiria, de imediato, uma limitação ou empobrecimento da concepção da educação em língua estrangeira.[...] (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 44)

Para o mesmo autor (2005, p.45) é importante reorganizar as questões ideológicas que se relacionam com o aprendizado de qualquer língua, pois seja ela qual for estará ligada aos vínculos políticos de um país ou vários países. O

que deve ficar claro é que escolher uma língua não significa “automatismo ou defender um credo”.

Para Almeida Filho (2005) algumas justificativas são conscientes e outras talvez não, para o momento em que se faz a escolha de uma língua fazer parte do currículo escolar, deste modo ele apresenta alguns critérios que possam ser levados em consideração.

Segundo o mesmo autor, dentre os critérios mais influentes que justificam a existência do idioma Inglês na grade curricular de língua estrangeira são: “Acesso ao conhecimento, cultura e tecnologia” e o “Internacionalismo.” O autor revela alguns exemplos pertinentes, como: pesquisas de outros países como do Japão, chegam ao Brasil muitas vezes no idioma inglês, a produção cinematográfica estadunidense, coreanos e chineses utilizam inglês para comunicação em grande escala, ou visitas turística, etc.

Os professores de língua inglesa não podem ser responsabilizados e nem culpados pelas macro-condições que favorecem certos critérios [...] O mínimo que eles devem fazer é conhecer os critérios que presidem as escolhas das línguas [...] Isso quer dizer que os professores não são necessariamente marionetes do capitalismo internacional dominante ao ensinar inglês profissionalmente. (ALMEIDA FILHO, 2005, p.50)

Percebemos que o autor quer deixar claro aos profissionais da disciplina de Língua Estrangeira que deve “ensinar sob esse sentido de auto-determinação”.

2.5 Priorizar Uma Boa Formação dos Professores

De acordo com o artigo “Formação Docente: em busca de um educador de qualidade” demonstra que a busca de um educador de qualidade é um tema que vem sendo como ponto chave para discussões, tanto na área acadêmica como na governamental. Postula-se que o professor tem um papel muito importante na vida do aluno enquanto cidadão. Deste modo, ele, como sujeito “do saber”, deve, além de ministrar conteúdos, também estimular que o aluno se torne um cidadão participante de um mundo globalizado, crítico e que obtenha uma elevação no seu grau de aprendizado.

O artigo revela uma posição importante colocada por Paulo Freire (1988) é a atitude do professor em sala de aula no momento em que ele ensina. O professor precisa ter um equilíbrio durante suas aulas, pois escutar o aluno é um dos fatores importantes para a compreensão das dificuldades dele. O professor que não escuta, mas somente impõe não conseguirá atingir um nível de reflexão crítica do aluno. Nesse caso o profissional será somente um mediador do conhecimento, que muitas vezes durante essa passagem (professor – conhecimento – aluno) poderá não chegar até o aluno.

A perspectiva para bons resultados no ensino-aprendizagem é o caminho mais amplo e persistente atualmente a ser explorado, pois as Instituições Formadoras devem formar professores capacitados a ensinar, mas que tome como ponto chave a realidade social, sendo capazes de conviver com as diversidades culturais e oferecer meios apropriados a esta realidade.

O artigo coloca em evidência episódios na área da educação, acarretados por conflitos e contradições, mas percebe-se uma evolução mais produtiva a partir da LDB 9.394/96, que tem como objetivo a qualidade da educação e aprimoramento na formação docente. Assunto que encontrado no TÍTULO VI, intitulado “Dos Profissionais da Educação”, e no seu Art. 61, coloca que:

Art.61 – A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos: I – associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço; II – aproveitamento da formação e experiências anteriores em Instituição de ensino e outras atividades. (LDB/1996, TÍTULO VI, ART.61 apud PALITOT, Mônica Dias; BRITO, Francisco de Assis Toscano de, 2005 p.55)

Na verdade, a leis por si só não são capazes de reverter ou progredir o melhoramento da Educação no País, mas elas estão para que pessoas colaborem de maneira eficaz para fazer a diferença no desenvolvimento progressivo.

É importante ressaltar que uma boa formação docente levará o profissional a realizar grandes transformações humanas, visto que, não é suficiente uma boa fundamentação teórica bem alicerçada e sim um profissional que busque além do saber, o fazer, o modo de agir reflexivamente,

priorizando o cotidiano e contexto em que o aluno está inserido, mas não se conter a ele. Além disso, é preciso relevar que alunos de escolas públicas, alguns ou muitos, carentes ou ausentes de condições de estudo, são desfavorecidos em relação aqueles que detêm capital financeiro e cultural.

Nas condições dos desfavorecidos é necessário que a escola pública não se contenha às necessidades do cotidiano deles, mas sim deve elevar a riqueza dos conteúdos escolares de acordo com o patrimônio histórico cultural acumulado pela humanidade

No artigo de Mello (2000) é mencionado outro detalhe importante que é a inspeção em cursos para professores de educação básica, que deveria ser com maior ênfase, pois se ocorrer desnivelamento na capacitação profissional entre as instituições, poderá ocasionar distorções na aplicação do trabalho desses no futuro. Quando muitas vezes isso ocorre, o caminho é capacitá-los durante a sua atuação, investimento que deveria ser feito durante o processo de graduação.

De acordo com o artigo recente da Revista Ensino Superior (Agosto/2009), é mencionado que o processo de ensino-aprendizagem possui vários vícios, e destaca que o maior deles é o fato de valorizar a memorização do conhecimento sem uma participação ativa do aluno como protagonista do processo. Nesse sentido coloca que após reformas educacionais o processo continua sendo o da educação depositária como já advertia Paulo Freire.

Quando se fala em *escola*, não estamos falando somente do espaço físico, da localidade, dos alunos ou professores, falamos de um grupo de pessoas que trabalham a favor dela, ou seja, da educação nacional. Por isso é preciso que todos os envolvidos lutem por uma “escola” melhor e assim deverá acontecer.

De acordo com Mello (2000) a formação do professor de educação básica é um dos fatores favoráveis para possíveis progressões na área educacional. Ela destaca um ciclo lento, porém relevante, pois um professor com uma boa formação contribuirá para ações pertinentes e eficazes em tantas outras áreas, como: medicina, engenharia, artes e todas as que exigem uma preparação escolar formal.

Segundo a mesma autora coloca em evidência o contexto escolar como complexo e indeterminado, dificultando uma antecipação exata do produto, por se tratarem da singularidade humana.

Considerações Finais

As distinções entre as abordagens “language learning” e “language acquisition” propõem um trabalho consciente para o profissional de rede pública, como também para aquele que atua em escolas ou centros de língua estrangeira.

Notamos que cada objetivo a ser alcançado tem sua maneira específica de aplicação. Nesse caso, o profissional deve estar à frente de cada necessidade, e colocar de modo claro aos olhos daquele que o busca.

Aprender ou adquirir uma língua são tarefas diferentes e ao mesmo tempo inseparáveis. Quando se pensa em obter proficiência plena de um segundo idioma, devemos pensar na aplicação das abordagens juntas, ou até mesmo, tentar conciliá-las num estudo em que todas as habilidades linguísticas sejam trabalhadas, sendo elas: escrita, leitura, fala e escuta.

Além disso, percebemos também que existem outros fatores que devem ser levados em consideração para obter essa proficiência da língua-alvo, como por exemplo, um deles é a contínua exposição à língua a ser aprendida e adquirida em ambientes autênticos. Por exemplo, nenhuma pessoa aprenderia a nadar sem que haja uma piscina ou local semelhante para tal prática, ou mesmo aprenderia a dirigir sem fazer uso de um carro, etc.

Observamos que mesmo em escolas de idiomas, em que o aluno frequenta duas aulas semanais, sendo oito horas por semana, com quantidade de no máximo 8 alunos por classe, com atividades e ambientes próximo de autênticos, é ainda um processo longo para obter a proficiência da língua-alvo, pois o tempo de exposição ainda não é significativo para êxito.

Todo nativo por volta dos 3 anos de idade já utiliza sua língua de forma natural, sem que haja com antecedência estudo de suas regras estruturais ou gramaticais, utiliza-se das habilidades linguísticas fala e escuta. Aos 7 anos já tem contato com as normas padrão que circulam o idioma, começando a treinar as outras habilidades da escrita e da leitura, e assim prossegue até o fim do ensino básico. Ao final do ensino básico pressupõe-se (atualmente 12 anos)

obter proficiência plena da língua materna. Isso que o aluno utilizou durante 12 anos atividades a língua materna.

Pensando na estrutura de ensino-aprendizagem em escolas públicas estaduais, temos por volta de 35 alunos por classe, em algumas situações as aulas não são duplas, ficando com 50 minutos para cada aula, isso sem contar nas trocas de professores e chamadas para confirmação da presença dos alunos, perde-se mais ou menos 10 minutos, tornando-se aulas de 40 minutos. E ainda professores substitutos que não garantem a continuidade e qualidade do conteúdo programado para a disciplina.

Entendemos que mesmo com as dificuldades, o ensinar e o aprender devem estar livres de quaisquer preconceitos e estereótipos, pois nessa linha de pensamento poderemos desfrutar do tempo, mesmo que pouco, para deixar marcas significativas para a vida social do aprendiz.

Ensinar e aprender língua estrangeira em escolas públicas é um tanto complexo, por diversas razões, pois nos deparamos com situações variadas que diminuem a importância dessa disciplina na grade curricular.

Teorias apontam que após a promulgação da LDB/96 e os PCNs foram rumos relevantes que marcaram para o progresso da disciplina de língua estrangeira. Assim teóricos nessa linha de estudos, como o brasileiro Almeida Filho (2005) considera que há rumos importantes a serem percorridos para o progresso da disciplina de língua estrangeira. Uma delas é considerar que estamos inseridos num mundo globalizado, em que as tecnologias da comunicação e informação, conhecimento e cultural estão ligadas principalmente ao idioma Inglês. Dessa forma, permite utilizar a disciplina como meio para garantir a circulação de tais fenômenos.

Além disso, os PCNs apontam a necessidade de formar indivíduos letrados, capazes de entender o próprio processo de aprender, que a própria língua estrangeira poderia providenciar isso, também garantir outros aspectos como o aumento da percepção, na expansão do seu aspecto discursivo e entendimento da sua própria existência, por meios das tecnologias e temas transversais.

A Proposta Curricular para LEM 2008, também acreditamos que é mais um material para apoiar o ensino do inglês, contando com a eficácia do professor e logo com a participação do aluno.

Embora as atividades dos cadernos para LEM de alunos/professores tenham como foco a abordagem “language learning”, as aulas podem se tornarem interessantes quando sugeridas algumas músicas ou clips de origem norte-americana durante as aulas, isso poderia, de forma talvez atrativa, uma aproximação das outras habilidades linguísticas como as da escuta e da fala, próxima da abordagem “learning acquisition”.

Notamos que a disciplina muitas vezes é ignorada por diversos alunos, isso pode estar ligada ao histórico das passagens da língua na grade curricular e também do preconceito linguístico existente na própria língua materna.

Consideramos que devemos reconhecer as variações linguísticas existentes no português e entender que elas existem em todos os idiomas, por isso torna-se difícil dizer que alguém que faça inglês em escola de idioma ou que estude em escola pública está próximo de falar como um falante nativo, de uma determinada região. No caso, aprende-se um idioma na sua forma padrão, para que possa haver comunicação.

Vale ressaltar, que um educador de qualidade é prioridade para vida do aluno enquanto cidadão, ainda que o contexto escolar seja diagnosticado como complexo e indeterminado, dificultando uma antecipação exata do produto, por se tratarem da singularidade humana.

Referências:

- ALMEIDA FILHO, José C.P. de. *Linguística Aplicada: Ensino de Línguas & Comunicação*. Campinas, SP: Pontes Editores e Arte Língua, 2005.
- _____. *O ensino de línguas no Brasil de 1979. E agora?* Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 1, n. 1, p. 15-29, 2001.
- ALMEIDA FILHO, JCP & BARBIRATO, Rita C. “Ambientes Comunicativos para Aprender Língua Estrangeira”. In *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas: Editora da Unicamp, vol. 36: 23-42, Jul. /Dez. 2000.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BRASIL. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio – volume 1 – Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília, MEC/SEB, 2006.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Língua Estrangeira*. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- CHRISTÓVAM, Maria. Como inovar as práticas acadêmicas. *Revista Ensino Superior*. São Paulo: editora Segmento, n.131, p 48-49, Ago.2009.
- COSTA SANTOS, Giselda dos. 2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: *Multiletramento Visual na Web*. 1 ed., Universidade Federal Pernambuco, Recife/PE, Anais Eletrônicos, 2008. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/simposio2008/anais/Giselda-Costa.pdf> Acesso em: 17 nov. 2009.
- English Made in Brazil. Disponível no site: <http://www.sk.com.br/sk-krash.html>. [Online] Acesso em: 2 jul.2007.
- KRASHEN, Stephen D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Prentice-Hall International, 1987.
- _____. *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. Prentice-Hall International, 1988.
- MELLO, G. N. de. *Formação inicial de professores para a educação básica: uma re(visão) radical*. São Paulo. Perspec. Vol.14 nº1, São Paulo Jan./Mar. 2000.
- PALITOT, Mônica Dias; BRITO, Francisco de Assis Toscano de. *Formação docente: em busca de um educador de qualidade*. São Paulo: [s.n.], 2005.
- Proposta Curricular do Estado de São Paulo para a disciplina de Língua Estrangeira Moderna (LEM) Ensino Fundamental – Ciclo II e Ensino Médio, 2008. Publicado em 30/01/2008. Disponível em:

<http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/18/arquivos/Prop_LEM_COPMP_red_md_20_03.pdf Acesso em: 17 nov. 2009.

RICHARDS, Jack C. e THEODORE, S. Rodgers. *Approaches and Methods in Language Teaching* - Cambridge University Press, 1986

SCHÜTZ, Ricardo. "*Vygotsky & Language Acquisition*." English Made in Brazil. Disponível no site: <http://www.sk.com.br/sk-vygot.html>. [Online]. Acesso em: 5 dez. 2004.

Windows Internet Explorer. *Presidência da República*. Lei n.9.394 de 20 de Dezembro, 1996. Disponível em: < <http://www.planalto.gov.br/ccivil> >. Acesso em 17 Set. 2009.

Windows Internet Explorer. Epistemologia. Disponível em : <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Epistemologia>> Acesso em: 16 nov. 2009.